

A HOMILIA E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: DIÁLOGO ENTRE O RELIGIOSO E O POLÍTICO

Thyago Madeira FRANÇA¹ (UFU)

RESUMO: Este trabalho pretende tratar do discurso religioso católico, analisando uma homilia (sermão da missa católica). Entretanto, observamos na homilia a presença do discurso político esquerdista, ou seja, uma relação dialógica entre o discurso religioso católico e o discurso político de esquerda e, logo, podemos inserir o padre numa formação discursiva advinda da Teologia da Libertação, que propõe um engajamento social e político da Igreja em defesa do povo marginalizado. Segundo Bakhtin (1988), os sujeitos, orientados pelo processo social, são constituídos pelo/no diálogo, não enquanto consenso entre falantes, mas num conflito de dizeres, embate esse perceptível na homilia em análise.

RESUMEN: Este trabajo pretende tratar del discurso religioso católico, haciendo un análisis de una homilía (sermón de una misa católica). Entretanto, observamos en la homilía la presencia del discurso político izquierdista, o sea, una relación dialógica entre el discurso religioso y el político de izquierda y luego, podemos añadir el cura en una formación discursiva proveniente de la Teología de la Liberación, que propone un enrolamiento social y político de la iglesia en defensa del pueblo marginado. Según Bakhtin (1988), los sujetos orientados por el proceso social, son constituído por / en el diálogo, no mientras consenso entre hablantes, pero en un conflicto de manifiestos, esto es perceptible en la homilía que fue analizada.

1. Introdução

Ao levarmos em consideração o princípio dialógico que permeia as manifestações discursivas, bem como a intensa dominação ideológica exercida pelo discurso religioso em nossa sociedade, calcaremos nosso estudo na intencionalidade de demonstrar que até mesmo um discurso cristalizado como o religioso sofre atravessamentos de dizeres de outros discursos.

Não podemos deixar de evidenciar a relevância do estudo do discurso religioso, católico e contemporâneo para o campo da Análise do Discurso, ao passo que percebemos uma maior incidência, na contemporaneidade, do uso do dizer religioso e dogmático voltado para uma temática social e política, principalmente se tratando de um país como o Brasil, que possui uma extrema quantidade de cristãos.

Para tanto, utilizaremos uma homilia católica como *corpus* de pesquisa. A homilia em estudo foi coletada por meio de gravação, durante uma missa na cidade de Uberlândia, no ano de 2006, constituindo-se assim, uma *corpora* de domínio público e circunscrito na contemporaneidade.

Como base constitutiva da homilia, temos as leituras do Evangelho efetuadas durante a celebração católica. No entanto, os textos bíblicos que foram utilizados pelo padre na composição da homilia estudada, aqui serão contemplados de acordo apenas com os sentidos apresentados na mesma.

De tal modo, abordaremos no presente trabalho, a partir da teoria da Análise do Discurso de linha francesa, as noções de dialogismo de Mikhail Bakhtin (1981; 1988; 1992), assim como a noção de formação ideológica, segundo Michel Pêcheux (1995; 1997) e a teorização de formação discursiva construída por Michel Foucault (2002).

Além dos postulados teóricos de Pêcheux e Foucault, imprescindíveis para a Análise do Discurso, e da contribuição inegável para os estudos do discurso da teoria dialógica de Bakhtin, recorreremos ainda aos ideais da Teologia da Libertação, a qual nos dá subsídios comprobatórios para a análise da presente *corpora*.

Demonstraremos, então, por meio da análise do *corpus* homilia, que o discurso religioso em estudo, que tem como autor o padre (representante de Deus na Terra), encontra-se atravessado por uma formação discursiva política. Esse diálogo entre o discurso religioso e o político apresenta-se com uma intensa relação de dominação e imposição ideológica, asseverando, desse modo, o discurso religioso que tem por natureza a prescrição de ideais ditos “sagrados”.

¹ Graduado em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
E-mail: thymad@yahoo.com.br

2. Fundamentação teórica

A respeito da concepção dialógico-polifônica da linguagem de Mikhail Bakhtin, temos como o princípio constitutivo da mesma o dialogismo, concebido como o atravessamento constante do discurso por outros discursos. Como afirma Tezza (1997, p.221), *no universo bakhtiniano nenhuma voz fala sozinha*, já que somos influenciados pelo outro a todo o momento e em todos os lugares, ao passo que se torna impossível imaginarmos o homem fora das relações sociais que o cercam. Dessa forma, se o sujeito é dialógico e, como diz Bakhtin “a vida é dialógica por natureza”, o discurso também deve ser concebido nesse mesmo domínio. Logo, assim como o sujeito, os discursos são, *portanto*, “*atravessados*”, “*ocupados*”, “*habitados*” pelo discurso do outro (Authier-Revuz, 1990, p.25-27), ou seja, todo discurso é tecido a partir de outro, do “já-dito”.

O dialogismo bakhtiniano, nesse sentido, afirma existir a constante presença da voz do outro no discurso, estabelecendo a interação verbal no âmbito das relações sociais, visto que o mesmo afirma *toda a parte verbal de nosso comportamento (quer se trate de linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isoladamente* (Bakhtin, 1980, p.182). Então, podemos entender que um sujeito “fala” algo a alguém, a partir de um lugar social determinante. Portanto, esses dizeres apresentam-se de modo regulado, ou seja, o sujeito é orientado a dizer “coisas” em determinados momentos e não “outras”. Faz-se necessário, aqui, abordarmos a noção de formação discursiva que, conforme Foucault (2002, p. 43-44) a entende, trata-se de:

No caso em que puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhantes sistema de dispersão e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (...). Chamaremos de regras de formação as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidades de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva.

Assim, a formação discursiva (FD) religiosa, que se constitui por características singulares como a onipotência divina e o caráter dogmático da palavra, possui como corriqueiro a construção de um discurso que admite menos questionamentos e réplicas dos interlocutores, devido ao papel do locutor (padre) no lugar discursivo religioso (igreja), que está em uma posição de representação divina. Além disso, é importante determinar que o discurso religioso analisado neste trabalho é do tipo cristão e católico, possuindo características ideológicas como a fraternidade e crenças como “ser temente a Deus” e “ter amor ao próximo”. Logo, trata-se de uma formação discursiva religiosa católica.

Nessa esfera, o discurso político, que se insere de maneira implícita e explícita na homilia trabalhada, se mostra imprescindível para a construção dos valores ideológicos perpassados pela mesma. Isso se dá não só porque, no discurso trabalhado, estão presentes assuntos de ordem social e política, como a segregação social. O papel do discurso político na homilia pode ser fundamentado também na forma em que o padre profere o sermão, visto que, ao pegarmos como exemplo o fragmento como *na ideologia neoliberal só é bem tratado quem produz, quem produz bens de consumo que gera dinheiro*, o padre aproxima sua fala muito mais a um discurso de palanque político que a um sermão religioso. Assim, o diálogo não se dá apenas pela temática discursiva, mas também pela maneira em que o discurso é proferido.

Nesse íterim, torna-se considerável subsidiarmos o trabalho em questão com a noção de interdiscurso. Maingueneau (1997, p.113), afirma que *o interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada (...) a incorporar elementos pré-construídos*. Desse modo, ocorre uma reconfiguração da formação discursiva, onde se incorpora novos elementos de outras formações discursivas e/ou os elementos próprios da formação discursiva se movimentam numa relação de se organizarem para uma repetição ou para um apagamento.

É interessante comentarmos que, na formação discursiva religiosa, o esforço dos elementos lingüístico-discursivos que se organizam para a repetição é, geralmente, constante e eficaz, sem muitos apagamentos. Dessa forma, o discurso religioso se fundamenta em dizeres cristalizados e crenças dogmáticas, constituindo-se, nesse aspecto, de menos reconfigurações interdiscursivas.

Ao levarmos em conta que esse “diálogo entre discursos” se dá por meio de sujeitos sociais, o discurso nem sempre demonstrará uma harmonia ideológica, podendo implicar em conflitos, relações de dominação e resistência, já que *a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios, os conflitos da*

língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema (Bakhtin, 1988, p.14), bem como que *o que vemos é governado pelo modo como vemos e este é determinado pelo lugar de onde vemos*² (Holquist, 1990, p.164).

Assim, o discurso variará se os interlocutores fizerem ou não parte do mesmo grupo social, ocuparem posições inferiores ou superiores na hierarquia social, bem como se estiverem unidos por laços sociais, como de pai, mãe, marido. O sujeito (Santos, 2000, p. 235) *tece seu discurso polifonicamente, num jogo de várias vozes cruzadas que se complementam, se relativizam, ou se contradizem*.

Bakhtin (1992, p.30), ao teorizar a respeito da influencia do autor na imagem que se constrói do herói, afirma *que um autor converta seu herói no porta-voz de suas próprias idéias, segundo o valor teórico ou ético delas (político, social), com o intuito de torná-las verídicas, com o objetivo de difundi-las(...)*. Apesar dessa teoria se remeter à criação romanesca, podemos equivaler o papel do autor e do herói para outros discursos produzidos, já que a filosofia da linguagem de Bakhtin é um sistema interligado de teorias. Dessa forma, no discurso religioso homilia, por exemplo, o autor é o padre e o herói pode ser representado pelos ideais que o discurso perpassa para o ouvinte (fiel).

Então, sabendo que os discursos são impregnados de cargas ideológicas, e que *a ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos* (Bakhtin, 1988, p.118), podemos afirmar que os sistemas ideológicos se cristalizam a partir da ideologia do cotidiano e, dessa forma, quanto mais o discurso possuir características dogmáticas, menos réplicas e questionamentos serão admitidos.

Nesse desiderato, torna-se relevante citarmos Bakhtin (1987, p.46) quando afirma que *as mesmas condições econômicas que associam um novo elemento da realidade ao horizonte social, que o tornam socialmente pertinente, (...) são as mesmas forças que criam as formas da comunicação ideológica (cognitiva, artística, religiosa, etc.)*.

3. Contextualização de Análise

Na homilia que trabalharemos, o diálogo travado entre o discurso religioso e político demonstra, de maneira pretensiosa, uma harmonia, causada pelo caráter dogmático, advindo do discurso religioso, que o locutor atribui ao discurso político. Entretanto, sabemos que esse discurso dialógico se trata de um embate ideológico, no qual *o discurso é constituído por uma “luta entre duas vozes” e que cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso* (Bakhtin, 1988, p.43), ou seja, um grupo de temas comuns.

Portanto, a ideologia do discurso religioso desencadeia uma função de dominação e de deformação presentes numa linguagem de representação de valores selecionados pela percepção do fiel ou inculcados pela ideologia do próprio sistema religioso que acaba por determinar tais valores como fundantes e legitimadores da experiência religiosa.

Dessa maneira, a formação ideológica³ religiosa, assim como a política, familiar, etc., constitui um complexo de atitudes e representações de classes em conflito, delimitando, como a formação discursiva⁴, o que pode ou não ser dito e até mesmo o grau de aceitação do signo ideológico dos indivíduos no determinado grupo social.

De tal modo que, por se tratar de um lugar discursivo religioso e católico, a temática política e social presente na homilia, é responsável não só pelo caráter dialógico do discurso, mas também para que o mesmo possa ser visto como um conflito de dizeres e interesses de classes. Já que não quer dizer que todos os interlocutores católicos, presentes no lugar discursivo *igreja*, se insiram na formação discursiva política, perpassada pelo pároco em seu sermão.

Dessa forma, percebemos que o padre, ao proferir seu discurso, se circunscreve em uma formação ideológica política esquerdista, com tradicionais críticas ao neoliberalismo e ao sistema capitalista, considerado causador das desigualdades sociais, bem como da segregação das minorias.

Mas tal formação ideológica não se mostra tão deslocada como nos parece a primeira vista, uma vez que o engajamento clerical em questões de ordem social e política, nos dá subsídios para inserirmos o padre/locutor dessa homilia numa formação ideológica advinda da Teologia da Libertação.

² A presente citação de M. Holquist está presente no livro *Dialogism: Bakhtin and his world*, mas foi retirada do texto de Beth Brait, intitulado *O discurso sob o olhar de Bakhtin*. (Houquist, 1990 *apud* Brait, 2003)

³ A noção de formação ideológica abordada em nosso estudo é de Michel Pêcheux (1995).

⁴ A noção de formação discursiva com que trabalharemos no presente estudo é de Michel Foucault (2002).

4. A Teologia da Libertação

A teologia cristã clássica, por muito tempo, projetou-se de forma anacrônica, desconsiderando o homem enquanto ser histórico, inserido em uma conjuntura social. Com isso, boa parte do conhecimento, dados e referências bíblicas e cristãs foram entendidas como realidades atemporais e ahistóricas. *Por isso, por muito tempo – certamente, também ainda hoje – entendeu-se Deus, Reino dos Céus, inferno (...) como realidades totalmente transcendentais, totalmente destacadas dos processos e fases históricas da humanidade.* (Cabral, 2002, p.2).

Com o advento da modernidade e do pensamento contemporâneo, esse discurso acerca de Deus foi bastante criticado e, com isso, o transcendentalismo metafísico foi deixado um pouco de lado pelo pensamento ocidental. Tal mudança de postulados e a relativização do discurso referente à imagem de Deus fizeram com que se valorizasse a historicidade do ser humano, sua cultura e as diversas formas de contato com o divino.

É nessa conjectura que se insere a Teologia da Libertação, pensamento que surge após o Concílio Vaticano II, e se espalha pela América Latina durante as décadas de 60 e 70, num ambiente que se fundamenta na cruel realidade cultural, social, econômica e política vivida pela maior parte da população. Era um ambiente político de grande arbitrariedade dos ricos e poderosos, onde a miséria e a marginalização tomavam conta do ambiente social e econômico.

A Teologia da Libertação *é um movimento teológico que quer mostrar aos cristãos que a fé deve ser vivida numa práxis libertadora e que ela pode contribuir para tornar esta práxis mais autenticamente libertadora.* (Mondin, 1980, p.25), e vê na degradação dos povos latino-americanos, solo frutífero para disseminar sua ideologia.

Os principais ideais dessa escola teológica se fundamentam num engajamento social e político da Igreja em defesa do povo marginalizado, fazendo frente à ideologia do capital, e mostrando que Deus também olha pelo povo oprimido e humilhado. Logo, fica clara não só a aproximação da Teologia da Libertação com os ideais marxistas de luta de classes, como ainda fica evidente a inserção da homilia aqui tratada nessa ideologia. Entretanto, é importante ressaltarmos que, segundo Leonardo Boff⁵ (1986, p.45) *na teologia da libertação o marxismo nunca é tratado em si mesmo, mas sempre a partir, e em função dos pobres.*

É lícito mencionarmos que tal engajamento clerical em questões de ordem social não foi necessariamente apoiado pela sociedade, já que os adeptos da Teologia da Libertação sofreram perseguições vindas de fora e de dentro da própria igreja. Setores do Vaticano estavam inconformados com os avanços dos cristãos rumo aos ideais socialistas, e, assim, alguns teólogos dessa corrente sofreram certa dose de inquisição.

Portanto, é tarefa da Teologia da Libertação discursar sobre Deus a partir da ótica da realidade concreta dos excluídos, é o olhar de Deus sobre as minorias, os estigmatizados. Segundo Cabral (2002, p.5) *a teologia da libertação anuncia a “descida de Deus de sua esfera transcendente e “celeste” e mostra-o como agente dignificador dos humilhados da terra (...) é a fonte de toda a luta pela justiça e igualdade.*

5. O diálogo entre o religioso e o político: análise do *corpus*

Nos atentaremos agora a análise do *corpus* homilia, procurando evidenciar as recorrências dos enunciados que delimitam as formações discursivas religiosa e política, bem como apontar os principais recursos expressivos que auxiliam na construção do discurso dialógico. A homilia trabalhada tem como base para explanação duas leituras efetuadas anteriormente⁶ na celebração em que a *corpora* foi coletada, tais sejam, a leitura do Livro do Levítico⁷ (Lv13, 1-2,44-46) e do Evangelho de Marcos (Mc1, 40-45).

O padre principia a homilia com a seguinte evocação: *Meus amados irmãos, minhas irmãs na fé, em santíssimo Jesus e em Maria Santíssima.* Enunciados dessa modalidade são proferidos com a finalidade de evocar a atenção dos fiéis, são comumente encontrados em discursos religiosos e sermões, ocorrendo outras quatro vezes no decorrer da homilia em estudo. Tais evocações são empregadas como recursos que

⁵ Leonardo Boff, pseudônimo de Genésio Darci Boff, (Concórdia, 14 de dezembro de 1938) é um teólogo brasileiro. Ex-frade da Igreja Católica, grande opositor dos papas João Paulo II e Bento XVI, foi excomungado pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, após

defender a Teologia da Libertação com idéias contrárias à doutrina católica, quando então era prefeito do Vaticano, o Cardeal Joseph Ratzinger, atual papa.

⁶ As duas leituras do Evangelho que compõem a homilia seguem anexas no presente trabalho.

⁷ O livro do Levítico registra todas as leis e regulamentos a respeito de rituais e cerimônias do tempo de Jesus.

objetivam uma maior aproximação do locutor (padre) com os interlocutores (fiéis), e criam uma impressão de igualdade e cumplicidade (padre e fiéis encontram-se unidos na mesma fé) entre os sujeitos discursivos, o que auxilia o padre a ser mais bem compreendido pelos seus ouvintes. O locutor, ao enunciar “Meus irmãos e minhas irmãs”, acaba por se circunscrever no discurso religioso não somente como “irmão” dos fiéis, como também enquanto aquele que tem maior representatividade de Deus na Terra e que pode se dirigir aos mesmos com uma autoridade divina.

Do mesmo modo, com a finalidade de se aproximar dos fiéis e demonstrar uma semelhança com os mesmos, o padre se vale de um recurso retórico que, segundo o filósofo polonês Chaïm Perelman (2002), é chamado de figura de comunhão, a qual o orador⁸ relaciona-se com o seu auditório como, por exemplo, podemos observar nos fragmentos que se seguem: *como acabamos de ouvir / compreendemos a dimensão / lemos no passado / o que podemos fazer / peçamos a Maria para que saibamos*. Acerca das figuras de comunhão, Perelman (2002, p.200) afirma: “As figuras de comunhão são aquelas em que, mediante procedimentos literários, o orador empenha-se em criar ou confirmar a comunhão com o auditório. Amiúde essa comunhão é obtida mercê de referências a uma cultura, a uma tradição, a um passado comuns.”

Seguindo os mesmos preceitos, o recurso de comungar os dizeres com os interlocutores pode ser percebido nos seguintes fragmentos da homilia: *nos mostrando / nossa atenção concentra-se / que nos provoca repulsa / continua entre nós / defeitos que alguns de nós / nosso trabalho / nos contamina / nos leva a refletir / muitas vezes a gente / será que nossas atitudes*. Tais recursos expressivos evidenciados aproximam o locutor dos interlocutores, criando, por meio de um ambiente de maior fraternidade cristã, território favorável para se disseminar um discurso carregado de ideologias marcantes.

Após a evocação inicial da homilia, o padre retoma as leituras do Evangelho correspondentes à celebração em questão, explanando as mesmas de acordo com os ensinamentos cristãos, delineando, inicialmente, uma formação discursiva religiosa católica sem muitos atravessamentos de outros dizeres.

Assim como a ideologia perpassada em uma formação discursiva, determinadas escolhas discursivas podem fazer com que o discurso em estudo demonstre um imbricamento entre formações discursivas distintas. Percebemos isso no enunciado *é também símbolo dos excluídos da comunidade e da sociedade*. Abordamos tal enunciado, considerando que, durante as leituras dos textos evangelistas que serviam de base pra essa homilia, não encontramos as palavras “excluídos” e “sociedade”, ao passo que, temos “impuros” e “aldeia”. Logo, com o uso de “excluídos” e “sociedade”, palavras essas recorrentes do discurso político contemporâneo, o locutor-padre nos dá um esboço do discurso dialógico que proferirá.

Nesse contexto surgem os enunciados *estender a mão a uma pessoa necessitada é dizer que Jesus é a mão estendida do Pai para levantar e acolher* e *o gesto de ajoelhar-se diante de Jesus revela a convicção e o poder que está verdadeiramente nas mãos de Deus*. Tais enunciados, como outros presentes na homilia, demonstram a força dos dizeres sagrados, presente nessas analogias impositivas que o padre expõe aos fiéis, já que, por exemplo, estender uma mão a um necessitado “é” dizer que Jesus é a mão estendida, em vez de “pode ser” a mão estendida. Nesse sentido, podemos colocar os fiéis (interlocutores) em condição de submissão ao discurso do padre (locutor).

No mesmo âmbito, com os enunciados *Jesus desobedece à lei* e *O leproso ignora essa lei*, o padre constrói um discurso que sugere uma subversão não só do povo (leproso), mas uma desobediência divina (Jesus). Deste modo, se lemos no Evangelho que Jesus tocou no leproso por piedade, o padre, ao proferir seu sermão, nos leva a crer que Jesus desobedeceu a uma lei, constituindo, com isso, uma insubordinação às regras aceitas pela maioria da sociedade da época.

Já no fragmento a seguir, notamos o momento em que o discurso retoma o contexto bíblico para o dialogar com a realidade social e moderna, ou seja, o momento em que percebemos o aparecimento da formação discursiva de caráter político e social. Nesse enunciado, o padre constrói uma representação simbólica para a lepra, já que nas leituras bíblicas era a doença propriamente dita e, ao inserir a temática social no discurso e considerarmos a homilia, a doença adquire um valor metafórico. Lepra passa a representar qualquer motivo que possa excluir um cidadão do convívio social, seja esse motivo uma deficiência ou uma condição social. Assim,

É nesse contexto que entendemos o significado da cura do leproso para além do milagre, meus irmãos e minhas irmãs, com o fato narrado no evangelho considera-se que a lepra bíblica continua hoje na sua extensão simbólica designando pessoas que são banidas da convivência social por causa de alguma doença ou deficiência.

⁸ É relevante mencionarmos que aqui em vez de “locutor” e “interlocutor”, empregamos “orador” e “auditório”, termos utilizados pelas teorias retóricas, ao passo que, esse estudo da argumentação se faz presente na formação clerical.

Nos dois parágrafos subseqüentes, observamos que o padre constrói o seu discurso muito mais voltado para a descrição de um problema social, no caso, os excluídos socialmente por alguma doença ou deficiência, do que para uma pregação católica. O locutor constrói o discurso político da “responsabilidade social”, que dialoga com os dizeres cristãos já-ditos como, no caso, o enunciado *lemos no passado*, e que se mesclam de forma implícita, retomando o Evangelho referente à lepra para metaforizar o problema da exclusão social.

Daqui a três semanas iniciará a quaresma, que irá refletir na campanha da fraternidade o tema da exclusão de deficientes na sociedade. Infelizmente eles não são os únicos excluídos sociais, considerando o que dissemos, nossa atenção concentra-se nos preconceitos que ainda considera pessoas impuras por causa de doenças, na maior parte das vezes aparece de modo meio escondido.

Mais o preconceito existe e ainda hoje alguns doentes são considerados impuros e ainda hoje não tem lugar ao sol, lemos no passado, mas o preconceito continua, entre nós o que é mais recente é o caso dos aidéticos que são discriminados e não aceitos na sociedade e algumas vezes taxados de pecadores impuros.

No parágrafo seguinte da homilia, podemos evidenciar o diálogo do discurso cristão com o discurso político de forma explicitada, em que o padre profere o seguinte enunciado: *A lei que ouvimos na primeira leitura, que nos provoca repulsa, continua existindo entre nós, não como leis religiosas, mas como lei do mercado, leis da política neoliberalista*. Até então, o locutor havia falado das leis religiosas do Livro do Levítico e, subitamente, afirma não estar mais falando de leis religiosas, e sim leis de mercado, leis da política neoliberal. Nesse contexto, o padre não só constrói um diálogo do discurso religioso com o discurso político, como também nos revela qual sua formação discursiva política (àquela que revela a sua inserção na Teologia da Libertação), que percebemos ser de caráter esquerdista, com críticas ao sistema de mercado capitalista, que segrega socialmente os cidadãos que não produzem ou consomem bens de consumo.

A posição-sujeito, no que diz respeito à formação discursiva política do locutor se concretiza quando o mesmo levanta algumas críticas sociais e políticas, comuns a formação discursiva política de esquerda como, por exemplo, nos enunciados:

Calcule quanto o mercado da saúde ganha com a venda de remédios, ganha em vantagens com o preço de remédios, mantendo doentes cada vez mais doentes, e sugando até o último centavo dos mais pobres.

Na ideologia neoliberal só é bem tratado quem produz, quem produz bens de consumo que gera dinheiro, e os doentes são deixados de fora e se não podem comprar remédios, por serem pobres, são taxativamente excluídos do contexto social.

Subseqüentemente, o locutor profere um enunciado em que encontramos totalmente mesclados e dialogando entre si, os discursos político e religioso. Ao dizer *são os impuros da religião do mercado e fazer o milagre da inclusão*, o padre mistura as duas formações discursivas, bem como em *restabelecendo neles a dignidade de serem aceitos*, já que a noção de exclusão é uma postura presente tanto no contexto religioso (puros/impuros), como também no político e social:

Meus irmãos e minhas irmãs, é nos defeitos que alguns de nós, que nos impõe leis que favorecem a exclusão de milhares de pessoas, são os impuros da religião do mercado, o que podemos fazer por eles? Fazer o milagre da inclusão, como fez Jesus considerando que Jesus fez pelo leproso, como o curou, como o inseriu na comunidade, nosso trabalho principal como cristão, como seguidores de Jesus, é trazer o excluídos sociais para dentro da sociedade, restabelecendo neles a dignidade de serem aceitos.

Nessa mesma projeção de alternância do religioso com o político, ou seja, de um diálogo ostensivo entre ambos, é que se segue o restante da homilia. Ao passo que o padre diz para os fiéis seguirem os exemplos de Jesus, *como fez Jesus considerando que Jesus fez pelo leproso / a exemplo de Cristo que estendeu a mão / é preciso valorizar a pessoa humana, respeita-la como fez Jesus / aos olhos de quem quer seguir as atitudes de Jesus / quem faz isso tem as atitudes e tem os gestos de Jesus*. O locutor também não abandona o seu posicionamento esquerdista, *uma das causas da violência social vem da exclusão / são excluídos de múltiplas formas, porque são pobres, não tem saúde, inspiram medo, enfeiam a cidade, sua moral é considerada duvidosa*, sendo esse último, um discurso bem recorrente não só dos políticos de esquerda como dos próprios indivíduos inseridos no contexto social da exclusão.

Ao final do sermão, percebemos uma retomada de um discurso propriamente religioso: *quem faz isso tem as atitudes e tem os gestos de Jesus. Peçamos a Maria, para que saibamos reconhecer e ajudar os irmãos sofridos e ao fazermos isso estamos reconhecendo Jesus Cristo, seu filho, presente nele. Amém.*

Percebemos na homilia em questão, que o discurso religioso contemporâneo se assemelha muito com o discurso político de palanque, até mesmo com uma certa vantagem, já que o discurso religioso, por se tratar de um discurso dogmático e já socialmente cristalizado, admitirá menos questionamentos e raramente se construirão réplicas para esse.

Sendo assim, confirmamos o caráter dialógico do discurso, visto que a homilia é proferida num espaço discursivo religioso, mas se mostra impregnada de dizeres políticos esquerdistas, constituindo, dessa forma, um embate ideológico que ultrapassa as barreiras do dogmático e da fé.

6. Referências Bibliográficas

BÍBLIA SAGRADA: *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri (SP): Sociedade do Brasil, 2000, 840p.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 421p.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 4ª ed., 1988, 196p.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981, 239p.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso*. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: pontes. 1999. pp.27-38.

BOFF, Leonardo, BOFF, Clodovis. *Como fazer teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986, 168p.

BRAIT, Beth. *O discurso sob o olhar de Bakhtin*. In: *Análise do Discurso: as materialidades do sentido* (org. Maria do Rosário Gregolin e Roberto Baronas). São Carlos: Claraluz Editora, 2003, p. 19-30.

CABRAL, Alexandre Marques. *A Teologia da Libertação: O Cristianismo a favor dos excluídos*. Disponível em: <[SITE](#)>. Acesso em: 08 ago. 2006.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, 6ª ed, 239p.

MACHADO, Irene A. *O romance e a voz – A prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Imago/FAPESP, 1995, 347p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1997, 3ª ed, 198p.

MONDIN, B. *Os teólogos da libertação*. São Paulo: Paulinas, 1980, 186p.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Palavra, Fé, Poder*. Campinas: Pontes, 1987, 102p.

_____. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999, 100p.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso – Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas: EDUCAMP, 1995, 2ª ed, 317p.

PERELMAN, Chaim. *Tratado da Argumentação – A Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, 2ª ed, 653p.

STAFUZZA, Grênissa et alii. “Introdução aos estudos bakhtinianos”. IN: *Teorias Lingüísticas – Problemáticas Contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2003, p. 35-44.

TEZZA, Cristóvão. A construção das vozes no romance. In: BRAIT, B. (org.) Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas: Pontes, 1999, p.219-227.

Anexos

1 - Homilia

Meus amados irmãos, minha irmãs na fé, em santíssimo Jesus e em Maria Santíssima, a liturgia desse sexto domingo do tempo comum, continua nos mostrando as atitudes tão profundas dos gestos de Jesus anunciando que o reino é uma realidade presente quando se abre o coração para ir ao encontro do Cristo.

No antigo testamento e no tempo de Jesus, a lepra era uma doença que causava repulsa, pois deforma a pessoa e a torna com uma aparência repugnante, além disso, é contagiosa e ela é incurável.

Esse é o motivo pelo qual a primeira leitura do livro do Levítico que trata das leis, proibia a quem contraiu lepra conviver na comunidade, aquilo era motivo necessário para que a doença não se alastrasse pela comunidade como uma peste.

Por lepra entendia-se também outras doenças desconhecidas na época de Jesus, que causavam um visual ruim na pessoa que não for tratada, a lepra passou a ser sinônimo de pecado.

O pecador era alguém deformado e sua imagem era triste. O salmo responsorial faz referência a tal mentalidade da época contando a felicidade de quem foi perdoado pelos seus pecados

O motivo pelo qual a tradução bíblica conserva até hoje o termo lepra é porque devido ao simbolismo muito forte, o leproso, como acabamos de ouvir nessa leitura, é também símbolo dos excluídos da comunidade e da sociedade, eram proibidos de participar da sociedade.

Meus irmãos e minhas irmãs, tendo em visto esse quadro, compreendemos a dimensão da amargura da atitude de Jesus ao curar aquele leproso.

A lei religiosa proibia tocar naquela pessoa, pois ficaria leproso. Jesus desobedece à lei, deixa o leproso tocar nele e entende-lhe a mão e, estender a mão a uma pessoa necessitada é dizer que Jesus é a mão estendida do Pai para levantar e acolher.

A lei religiosa define ainda que o leproso vivesse fora da comunidade, impedido de se aproximar das pessoas da vila. O leproso ignora essa lei, coloca-se de joelhos diante de Jesus implorando-lhe a cura. O gesto de ajoelhar-se diante de Jesus revela a convicção e o poder que está verdadeiramente nas mãos de Deus. Jesus é tomado pela compaixão e o cura. “Eu quero, fique curado”.

É nesse contexto que entendemos o significado da cura do leproso para além do milagre, meus irmãos e minhas irmãs, com o fato narrado no evangelho considera-se que a lepra bíblica continua hoje na sua extensão simbólica designando pessoas que são banidas da convivência social por causa de alguma doença ou deficiência.

Daqui a três semanas iniciará a quaresma, que irá refletir na campanha da fraternidade o tema da exclusão de deficientes na sociedade. Infelizmente eles não são os únicos excluídos sociais, considerando o que dissemos, nossa atenção concentra-se nos preconceitos que ainda considera pessoas impuras por causa de doenças, na maior parte das vezes aparece de modo meio escondido.

Mais o preconceito existe e ainda hoje alguns doentes são considerados impuros e ainda hoje não tem lugar ao sol, lemos no passado, mas o preconceito continua. Entre nós o que é mais recente é o caso dos aidéticos que são discriminados e não aceitos na sociedade e algumas vezes taxados de pecadores impuros.

A lei que ouvimos na primeira leitura, que nos provoca repulsa, continua existindo entre nós, não como leis religiosas, mas como lei do mercado, leis da política neoliberalista, calcule quando o mercado da saúde ganha com a venda de remédios, ganha em vantagens com o preço de remédios, mantendo doentes cada vez mais doentes, e sugando até o último centavo dos mais pobres.

Na ideologia neoliberal só é bem tratado quem produz, quem produz bens de consumo que gera dinheiro, e os doentes são deixados de fora e se não podem comprar remédios, por serem pobres, são taxativamente excluídos do contexto social.

Meus irmãos e minhas irmãs, é nos defeitos que alguns de nós, que nos impõe leis que favorecem a exclusão de milhares de pessoas, são os impuros da religião do mercado, o que podemos fazer por eles? Fazer o milagre da inclusão, como fez Jesus considerando que Jesus fez pelo leproso, como o curou, como o inseriu na comunidade, nosso trabalho principal como cristão, como seguidores de Jesus, é trazer o excluídos sociais para dentro da sociedade, restabelecendo neles a dignidade de serem aceitos.

A exemplo de Cristo que estendeu a mão a quem não tinha mais vontade para viver socialmente, porque estava discriminado na sociedade, somos todos convocados a estender a mão aos excluídos, para que sejam curados de seus medos, da mentalidade que os considera impuros para a sociedade. Somos convocados a reconhecer o valor humano de nós. Uma das causas da violência social vem da exclusão, uma lepra que nos contamina socialmente.

Ouçamos o apelo de Paulo, quando pede, na segunda leitura de hoje, para todos imitadores de Jesus, imitar o Senhor hoje é valorizar a pessoa humana, como imagem e semelhança divina, é preciso valorizar a pessoa humana, respeita-la como fez Jesus.

Meus irmãos, minhas irmãs, o evangelho de hoje nos leva a refletir a pesada cruz que tantos excluídos tem carregado, são excluídos de múltiplas formas, porque são pobres, não tem saúde, inspiram medo, enfeiam a cidade, sua moral é considerada duvidosa. Muitas vezes, a gente se queixa porque estão ocupando um lugar público, na verdade seu espaço é lugar publico, por isso sofrem todo tipo de violência e quando morrem são enterrados como indigentes.

Será que nossas atitudes estão ajudando esses irmãos a recuperarem a dignidade, ou muitas vezes os espinhos do povo que ainda lhe pede? Pede com vigor aos olhos de quem quer seguir as atitudes de Jesus, como, por exemplo, a pastoral que tem pessoas que tem a coragem de sair pelas ruas da nossa cidade de Uberlândia, catar pelas ruas pelas calçadas os caídos e desfigurados de nossa sociedade. Quem faz isso tem as atitudes e tem os gestos de Jesus.

Peçamos a Maria, para que saibamos reconhecer e ajudar os irmãos sofridos e ao fazermos isso estamos reconhecendo Jesus Cristo, seu filho, presente nele.

Amém.

2 - Leitura do livro do Levítico (Lv13, 1-2.44-46)

O Senhor falou a Moisés e Aarão, dizendo: “Quando alguém tiver na pele do seu corpo alguma inflamação, erupção ou mancha branca, com aparência do mal da lepra, será levado ao sacerdote Aarão ou a um dos seus filhos sacerdotes. Se o homem estiver leproso, é impuro, e como tal o sacerdote o deve declarar”.

O homem atingido por este mal andarà com as vestes rasgadas, os cabelos em desordem e a barba coberta, gritando: ‘Impuro! Impuro!’

Durante todo o tempo em que estiver leproso, será impuro; e, sendo impuro, deve ficar isolado e morar fora do acampamento”.

3 - Evangelho (Marcos 1,40-45)

Um leproso chegou perto de Jesus, ajoelhou-se e disse:

- Senhor, eu sei que o senhor pode me curar se quiser.

Jesus ficou com muita pena dele, tocou nele e disse:

- Sim! Eu quero. Você está curado.

No mesmo instante a lepra desapareceu, e ele ficou curado.

E Jesus ordenou duramente:

- Olhe! Não conte isso para ninguém, mas vá pedir ao sacerdote que examine você. Depois, a fim de provar para todos que você está curado, vá oferecer o sacrifício que Moisés ordenou.

Então Jesus o mandou embora. Mas o homem começou a falar muito e espalhou a notícia. Por isso Jesus não podia mais entrar abertamente em qualquer cidade, mas ficava fora, em lugares desertos. E gente de toda parte vinha procurá-lo.